

# FLUXOS EDITORIAIS ENTRE AS REVISTAS *MENSAGEM* (LUANDA, 1951-1952) E *SUL* (FLORIANÓPOLIS, 1948-1957)

## EDITORIAL FLOWS BETWEEN THE MAGAZINES *MENSAGEM* (LUANDA, 1951-1952) AND *SUL* (FLORIANÓPOLIS, 1948-1957)

*Natan Schmitz Kremer<sup>1</sup>*

---

### RESUMO

Tomando por objeto a contribuição de poetas da revista *Mensagem* (Luanda, 1951-1952) nas páginas da revista *Sul* (Florianópolis, 1948-1957), assim como as missivas que esses enviaram a Salim Miguel, editor do veículo brasileiro, o artigo analisa o fluxo de originais e de impressos entre os grupos. Destaca, para tanto, a publicação de poetas de Angola em *Sul*, tal como a circulação de obras marxistas a meados de século, conectando as revistas. A discussão aponta ao traço político das estéticas dos jovens de *Mensagem*, entendendo o impresso de Florianópolis como espaço privilegiado à edição de textos censurados pelo colonialismo português em África, mas, também, como via de acesso a publicações vetadas no continente.

PALAVRAS-CHAVE: Salim Miguel. António Jacinto. Viriato da Cruz. Revista *Sul*. Revista *Mensagem*

## ABSTRACT

Taking as its object the contribution of poets from the magazine **Mensagem** (Luanda, 1951-1952) in the pages of the magazine **Sul** (Florianópolis, 1948-1957), as well as the missives they sent to Salim Miguel, editor of the Brazilian magazine, the article analyzes the flow of originals and printed material between the groups. It highlights the publication of poets from Angola in **Sul**, as well as the circulation of Marxist works in the middle of the century, connecting the magazines. The discussion points to the political trait of the aesthetics of the young people in **Mensagem**, understanding the Florianópolis imprint as a privileged space for publishing texts censored by Portuguese colonialism in Africa, but also as a means of access to publications banned on the continent.

**KEYWORDS:** Salim Miguel. António Jacinto. Viriato da Cruz. **Sul Magazine**. **Mensagem Magazine**.

## 10 DE JANEIRO DE 1957

Em carta de 10 de janeiro de 1957 endereçada a Salim Miguel, escritor nascido no Líbano, mas que fixara residência na primeira infância em Santa Catarina, o pouco lembrado José Graça comenta as dificuldades editoriais enfrentadas pelos jovens angolanos de então:

O panorama cultural aqui está condicionadíssimo. Temos um bom número de jovens interessados em desenvolver uma literatura de caráter regionalista e alguns mesmo já com obra feita. Mas está guardada no fundo do baú. Não a podem publicar. Não há editores. As edições ficam caríssimas, fora do alcance da gente nova, estudantes uns, pequenos empregados outros.

Pensámos fazer (e fizemos) um grupo de novos que, auxiliando-se uns aos outros, publicasse os trabalhos. Organizamos cadernos e vamos começar a publicá-los. Obras todas de jovens que pretendem cantar os temas da sua terra e do seu povo. É difícil obter autorização (...), por exigirem a formação duma organização responsável e um depósito de garantia de 25 mil escudos. Põem todos os entraves possíveis. Em tudo veem manifestações políticas (...). Os jornais, controlados, não publicam nada que tenha “regionalismo”. De maneira que nos encontramos num beco sem saída. Possibilidades econômicas de publicação quase nulas, devido ao elevado preço dos trabalhos gráficos, censura mais que espartilhada, lei de imprensa sem janelas abertas, enfim, se conseguirmos publicar 3 cadernos (...) teremos muita sorte. (*Graça apud Miguel, 2005, p. 30-1*)

Em missiva subsequente, de 8 de março do mesmo ano, Graça diz enviar o primeiro caderno editado, o seu **A cidade e a infância**. Revela-se, pois, a autoria: é José Graça o nome de registro de Luandino Vieira, destacado autor que ainda não adotara o pseudônimo que lhe rendeu reconhe-

cimento global. Embora afirme em pós-data que o livro não iria anexado, já que apreendido pela censura, há equívoco na informação. O exemplar encontra-se hospedado no arquivo de Salim Miguel, com dedicatória de punho do autor: “Para Salim Miguel, para o crescimento de uma amizade. José Graça. Luanda, 3 de março de 1957”.

Luandino Viera rememora algo dessa história:

O caderno foi feito e já estava pronto, eu paguei, só faltava pegar... Eu paguei em quatro prestações; passava lá todos os dias para ver as provas e em um fim de tarde (...) disseram “Ah, amanhã está tudo pronto, só falta coser a arame, mas se quiser leve já dois ou três”. E eu levei, penso que trouxe 4, e nessa noite dei um a António Cardoso e guardei um, eram três, e meti um no correio para Antônio Simões Junior, que era um português que estava exilado em Avellaneda, perto de Buenos Aires, com quem eu tinha correspondência não muito regular (...). Enviava-lhe um livro ou outro e ele nos enviava sempre tudo (...). Então lembro-me que fiz uma dedicatória, mandei pelo correio (...). No dia seguinte de manhã, quando passei pela tipografia, disseram-me que tinham estado as autoridades e que tinham apreendido a edição toda. (Vieira, 2015, p. 182-3)

É possível que tenha enviado naquela data exemplar a Simões, português exilado em Buenos Aires a quem Salim lhe apresentara em dezembro de 1956. Mas é igualmente possível que a memória lhe pregue uma peça e que o livro referido seja o destinado ao escritor de Florianópolis. Seja como for, encontra-se na biblioteca de Salim a primeira edição de **A cidade e a infância** e, mais do que dado anedótico, a remessa dá acesso ao espírito daquele tempo.

## 1991

Em 1991 realizou-se, na Universidade Federal Fluminense, o 1º Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, no qual Salim proferiu a conferência “Raízes de um intercâmbio”. Na fala, reconstitui as relações que os autores da revista **Sul**, impresso editado em Florianópolis entre 1948 e 1957, estabeleceram com autores de África. O contato se inicia já em 1948, quando poetas de Cabo Verde (Jorge Barbosa) e de Guiné (Tomaz Martins) publicaram na página literária que os modernistas ilhéus editavam no jornal **O Estado** (Correa, 2016, p. 25), veículo de maior circulação na capital catarinense. Isso responde à amizade nutrida com o carioca Marques Rebelo<sup>2</sup>, igualmente próximo de autores portugueses e africanos, que os pôs em contato com os jovens da revista **Sul**. Foi apenas em 1952, no entanto, que autores de Angola e Moçambique passaram a publicar no impresso. Neste momento, após viagem de Rebelo à Ilha (Florianópolis), iniciaram diálogo com Augusto dos Santos Abranches (Debastiani, 2024, p. 35), português que, por decorrência da perseguição promovida pela ditadura

de Salazar, instalara-se em Maputo. De lá, Abranches agencia o contato com uma série de jovens africanos, de ambas as costas, enviando textos para publicação no veículo de Florianópolis.

É curioso que, à distância, Salim Miguel (1995, p. 56) cite três nomes na conferência de 1991: Abranches, que substantiva com o gentílico moçambicano; Noémia de Sousa, poeta de Moçambique que, embora tenha publicado três poemas em **Sul**, não tivera contato direto com Salim; e Luandino, cuja relação é tardia, datando apenas de 1956. Isso aponta à peculiaridade da relação que o último estabelece com os florianopolitanos. Nas cartas enviadas a Salim, Vieira sinaliza o desejo de fazer circular, no Brasil, escritores ultramarinos: “ainda não recebi resposta à m/ carta de 12/12/56, em que perguntava a V. se interessaria colaboração de jovens angolanos” (Graça *apud* Miguel, 2005, p. 31), escreve em 10 de janeiro de 1957; “Digame qualquer coisa sobre os originais enviados para si, para apreciação e possível publicação” (Graça *apud* Miguel, 2005, p. 32), anota em 8 de março do mesmo ano; “Poderei continuar a enviar colaboração daqui? As vossas notícias sobre este assunto seriam bem recebidas, porquanto, embora continuando a produzir, não arranjamos ainda possibilidades de iniciar a revista” (Graça *apud* Miguel, 2005, p. 32), pergunta ainda em 9 de junho. E, em 3 de setembro, dá-nos informações sobre o retorno do amigo brasileiro: “Compreendo realmente o que me diz quanto à publicação da colaboração na revista. Saberemos esperar. Até lá os mais sinceros votos para que **Sul** continue a singrar” (Graça *apud* Miguel, 2005, p. 34).

Luandino anseia que seus escritos, assim como os de amigos que não tinham veículo para editá-los em Luanda, sejam publicados em Florianópolis. Sua aproximação a **Sul**, porém, coincide com o encerramento da revista. Como lembram Salim Miguel e Eglê Malheiros (2002, p. 47), expoentes maiores da revista, sua periodicidade era incerta, como vários eram os impasses nos quais **Sul** se via em 1957, ano em que Luandino insiste no envio de contribuições. Seu último número, **Sul**-30 (12/1957), dá a ver, no entanto, o conto “O homem e a terra”, única publicação de José Graça no veículo. Mostra-se nisso, pois, o curioso da menção que, em 1991, Salim faz a Luandino. Sua aproximação a **Sul** refere-se já ao final do periódico e, embora existisse desejo mútuo de aprofundamento da relação epistolar, já não havia suporte material à publicação, no Brasil, dos jovens de Angola. Em anos anteriores, porém, a presença de angolanos em **Sul** fora destacada. Trata-se daqueles que, integrando o Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (MNIA), concentravam-se na revista **Mensagem** (Luanda, 1951-1952).

## 24 DE SETEMBRO DE 1952

Em missiva de 24 de setembro de 1952, António Jacinto escreve a Salim afirmando ser esta a realização de desejo antigo. Embora não se conhecessem, tinham eles amigos em comum, como Abranches, e, por meio dele, Jacinto conhecera **Sul**, assim como o livro de estreia de Salim, **Velhice e outros contos**. Inicia a carta apresentando-se, mas abandona a formalização

dade e afirma que “para a revista **Sul**, que conta com a nossa simpatia, hei de enviar trabalhos de todos os jovens de Angola que se preocupam com coisas do espírito” (Jacinto *apud* Miguel, 2005, p. 17-8), como efetivamente faz: “junto a esta estou-lhe enviando um poema meu, dois da minha amiga Ermelinda Pereira Xavier, e um conto de Orlando de Távora”, o que se repete em missiva de 9 de setembro de 1955, quando anexa versos de “três novos poetas nossos, Leston [Martins], Alda [Lara] e Ermelinda [Xavier]” (Jacinto *apud* Miguel, 2005, p. 26).

Um dia antes, 23 de setembro de 1952, Viriato da Cruz enviara a Salim missiva com estrutura semelhante. Embora não tivessem contato, afirma Cruz (*apud* Miguel, 2005, p. 38) que o conhecia “através de trabalhos seus publicados na **Sul**” e, em 13 de fevereiro de 1953, responde à solicitação do amigo recente: “Meu caro Salim, como lhe prometi, mando-lhe dois poemas de Noémia de Sousa, um de Mário António e outro meu” (Cruz *apud* Miguel, 2005, p. 44), o que reafirma em 24 de março: “Em 4 de fevereiro p.p. remeti-lhe, por via aérea, sob o registro nº 12355 — Luanda, carta com 4 poemas — 3 de amigos e 1 meu” (Cruz *apud* Miguel, 2005, p. 46).

Cruz e Jacinto pertencem a agrupação comum, aquela que se concentra na revista **Mensagem**, editada pelo Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (MNIA). Na verdade, os poetas aspirantes cujo material enviam para publicação em **Sul** integram a revista de Luanda, encontrando nela suporte para seus versos. Jacinto e Cruz, além de enviarem a própria produção poética (Jacinto também envia sua prosa, sob pseudônimo Orlando de Távora), endereçam a Florianópolis poemas dos companheiros de **Mensagem**, buscando, neste lado do Atlântico, suporte para sua edição. Nem todos os textos se publicam no Brasil, como os de Leston Martins e de Alda Lara. Muitos, contudo, são hoje localizáveis nas páginas de **Sul**:

Nº/Ano	Autor	Título	Gênero
<b>Sul</b> -15, 03/1952	António Jacinto	“Convite aos outros”	Poesia
<b>Sul</b> -17, 10/1952	António Jacinto	“Quero cantar e cantarei”	Poesia
<b>Sul</b> -17, 10/1952	António Jacinto	“Autobiografia”	Poesia
<b>Sul</b> -18, 12/1952	Orlando de Távora [António Jacinto]	“Orpheu”	Conto
<b>Sul</b> -19, 05/1953	Viriato da Cruz	“Na encruzilhada”	Poesia
<b>Sul</b> -21, 12/1953	Ermelinda Pereira Xavier	“Sombra”	Poesia
<b>Sul</b> -21, 12/1953	Ermelinda Pereira Xavier	“Hora”	Poesia
<b>Sul</b> -25, 08/1955	Mário Antônio	“Tropa negra”	Poesia
<b>Sul</b> -28, 12/1956	Mário Antônio	“Solidariedade”	Poesia
<b>Sul</b> -30, 12/1957	José Graça [Luandino Vieira]	“O homem e a terra”	Conto

Dados: Revista **Sul**. Fonte: elaboração própria.

As contribuições dos poetas de **Mensagem** ocupam as páginas de **Sul** de março de 1952 a dezembro de 1956<sup>3</sup>. Em 1952, no entanto, apenas António Jacinto nela publica, sendo as demais entradas entre 1953 e 1956. Nesse momento, contudo, **Mensagem** já não existia; esta “revista de Arte e Cultura inscrita no campo literário e defensora da poesia como instrumento

de análise do cenário de sua época” (Ramos, 2017, p. 278) estava sob análise da censura colonial — que já em 1951 emite, por meio da Polícia de Segurança Pública da Província de Angola, “uma ‘Informação’ sobre o ‘Movimento dos Novos Intelectuais de Angola’ onde indica os nomes dos seus corpos diretivos”, António Jacinto e Manuel José Jeremias (Sousa, 2015, p. 198) — e, dependendo de gráfica lisboeta para imprimi-la, foi prematuramente encerrada em 1952. Se tinha **Mensagem** por “missão capital a revelação da ‘angolanidade’” (Ramos, 2017, p. 278), opondo-se ao colonialismo português em África ao buscar para si um descobrimento de Angola para além da condição colonial, é esta luta que o Estado novo português busca silenciar ao pôr fim ao impresso. Mas, como já se disse, apenas as contribuições de Jacinto datam de 1952. É após o encerramento compulsório de **Mensagem** que seus poetas passam a publicar em **Sul**, encontrando em Florianópolis suporte àquilo que o sistema colonial buscava apagar.

## 24 DE SETEMBRO DE 1952, AINDA

Na mesma carta, Jacinto comenta o livro de estreia de Salim, **Velhice e outros contos**, o qual tencionava resenhar para o quinzenário **Farolim**. Comentários do tipo se repetem em suas missivas, que atestam o recebimento, em Angola, de impressos de **Sul**. “Recebi o seu livro de contos”, diz Jacinto (*apud* Miguel, 2005, p. 23) em 27 de dezembro de 1953 em provável referência a **Alguma Gente: histórias**, lançado naquele ano; “recebi **Sul, Novos contistas** [antologia de autores catarinenses, 1954], **A morte de Damião** [peça teatral de Ody Fraga e Silva, 1954] e o mais que me envie e lhe agradeço”, anota ainda Jacinto (*apud* Miguel, 2005, p. 26) em 9 de setembro de 1955, como em junho recebera, via Abranches, o compilado de contos **Piá**, de Guido Wilmar Sassi — todas obras editadas pela revista de Florianópolis. Viriato da Cruz (*apud* Miguel, 2005, p. 38) comenta, em 23 de setembro de 1952, estar “ansioso por conhecê-lo melhor por intermédio de **Velhice** — livro que está sendo lido, neste momento, pelo meu amigo António Jacinto”, embora não seja necessário esperar pelo empréstimo já que, em 6 de janeiro de 1953, agradece a Salim pelo envio de outro exemplar.

A circulação de textos e impressos encontra duas dimensões na troca entre as revistas **Sul** e **Mensagem**. Por um lado, autores angolanos enviam produções para que sejam editadas em Florianópolis; por outro, **Sul** abandona a cidade de origem, chegando a território angolano. Não se trata, porém, de leitura individual. Os livros enviados a Luanda circulam entre amigos, sendo emprestados, ampliando a recepção. Ademais, passa **Sul** a ser por lá comercializada. “Recebi os 20 exemplares do nº 18 de **Sul**”, informa Cruz a Miguel (2005, p. 45) em 24 de março de 1953 e, embora Luandino solicite, em 17 de setembro de 1956, assinar o periódico, em 12 de dezembro do mesmo ano diz já não ser isto necessário: “Quanto à revista, não vale a pena enviar-me o exemplar que pretendia, por quanto depois de ter escrito para V. Sa. soube que o m/ particular amigo António Jacinto recebia um número de exemplares da revista, que lhe permitia distribuir-me um, o que aliás já vem fazendo” (Graça *apud* Miguel, 2005, p. 29).

Ainda por meio de **Sul**, conhecem da literatura brasileira, solicitando o contato de Lila Ripoll, os novos livros de Jorge Amado, as **Memórias do cárcere**, de Graciliano Ramos — em 14 de junho de 1955, Jacinto escreve a Miguel (2005, p. 25): “li já as **Memórias** do Mestre Graça. Gostei bastante e repto a obra de útil, pelo que podemos aproveitar da experiência alheia. Depois, aquela maneira de descrever certa, incisiva, objetiva, sem o lirismo apaixonado do Jorge Amado, fazem-me gostar mais do velho Graça”. Se há uma inversão na história literária em língua portuguesa a meados de século, na qual Portugal deixa de se colocar como referência e a literatura brasileira passa a estimular os autores neorrealistas (Bergamo, 2008, p. 61), **Sul** se coloca como via de acesso a esses textos. Recorrendo aos amigos de Florianópolis, podem os jovens de África acessar a literatura produzida nos arredores do Partido Comunista do Brasil (PCB, pré-cisão de 1961), encontrando nessas obras contorno estético àquilo que politicamente ansiavam, a superação do colonialismo português.

## 6 DE JANEIRO DE 1953

Dentre o material recebido, cintila nas missivas a poesia de Eglê Malheiros. “Não se lê E. Malheiros em vão”, diz Cruz (*apud* Miguel, 2005, p. 41), “porque se sente que E. Malheiros não escreve para passar (...) o tempo. É alguém que comprehende a grande responsabilidade da Palavra”. Uma das fundadoras de **Sul**, Eglê lançara em 1952 os poemas de **Manhã**, nos quais a problemática da superação da sociedade de classes se apresenta como motor do poético. Além dela, Cruz e Jacinto referenciam a poeta gaúcha Lila Ripoll que, tendo publicado em **Sul**<sup>4</sup>, foi objeto da crítica de Malheiros. Sobre ela, escreve Eglê em **Sul**-16 (06/1952):

Ser poeta não é só fazer versos e descobrir ritmos, é antes de tudo ser dotado de uma especial sensibilidade pronta a reagir não só diante da beleza e da bondade, como diante da miséria e da injustiça, uma sensibilidade que faça tornar suas todas as dores e todas as alegrias da humanidade, ser poeta é antes de tudo sentir amor. O amor não é, no entanto, um sentimento passivo e extático, ele é dinâmico e combativo: o que ama não se compadece somente de quem sofre, não, ele luta para acabar com o sofrimento. (Malheiros *in Sul*, 06/1952)

Se nota na poesia de Ripoll amor pela humanidade, o que encontra contorno na medida que sua poesia se furtá ao esquecimento do sofrimento, não estranha que Cruz, lendo Amado, aponte à mesma universalidade: “aguardamos (...) **Subterrâneos da liberdade**, do ciclo **Muro de Pedras**. Jorge [Amado] tem muitos admiradores nestas paragens. É que seus livros, à força de exprimirem a verdade do homem e do meio brasileiro, atingem a universalidade” (Cruz *apud* Miguel, 2005, p. 38); “amamos profundamente, num misto de admiração e esperança, homens como Graciliano, como Jorge, Aragon, Alves Redol, para só citar alguns. É como se África fosse a noite, e eles o sol que sabemos já existir e que esperamos iluminar-nos numa próxi-

ma manhã” (Cruz *apud* Miguel, 2005, p. 47). No cânone de autores de Cruz pululam aqueles filiados aos respectivos PC’s. Ora, não é casual a adoração por Ripoll ou por Malheiros. Nos versos da segunda mostra-se mais latente do que nos contos de Salim o anseio pela superação da sociedade de classes, o que dá sustento à leitura dos poetas de **Mensagem em Sul**.

Tema central da poética de **Mensagem** é, discute Karina Ramos, a angolanidade literária, que Cruz formulara sob o chamado “Vamos descobrir Angola!”. O construto para tal expressão é, a sua vez, algo tenso, pouco preciso nas páginas do impresso. Ramos nota duplo processo dessa redescoberta: por um lado, a elaboração de uma poética da solidariedade, marcada pela convocatória dos demais a participar do movimento que busca a independência política do país; por outro, percebe o recurso a um passado angolano como via de diferenciação das imposições coloniais, redescobrindo, deste modo, o que poderia haver de próprio na formulação de uma sensibilidade revolucionária. Isso não implica, contudo, estética voltada à raça: segundo “o programa da revista, **Mensagem** se colocaria a serviço da elevação espiritual de Angola, congregando os irmãos espalhados ao redor do mundo que não necessariamente haveriam de ser negros e africanos” (Ramos, 2017, p. 284).

Na introdução de sua **Antologia lírica angolana**, Francisco Soares se opõe aos poetas que, em nome da particularidade absoluta da angolanidade, teriam recaído em estética que se vale de traços folclóricos: “os poetas escreviam para sublinhar diferenças no seio das literaturas em língua portuguesa, mas, com isso, sem querer, facultavam material para que os poemas fossem lidos e valorizados pelos elementos folclóricos, estranhos, bizarros” (Soares, 2019, p. 13). É desse exotismo, que toma África como Outro estranho a ser apresentado ao europeu, que busca se furtar em sua compilação, tendo por preocupação “afastar esses poemas — que, sem dúvida, foram marcantes entre nós — e buscar outros em que o trabalho oficial estivesse mais à vista, ou pelo menos não fosse tão mascarado pela localização referencial e pela petição político-partidária” (Soares, 2019, p. 14). Soares se opõe às poéticas descritivas que se voltam à suposta verdade inconteste do autóctone, privilegiando antes autores que, para ele, teriam melhor acabamento formal — já que menos marcados pela transposição imediata da problemática política à solução estética.

Chama atenção que, nutrido de tal preocupação, seja precisamente os poetas de **Mensagem** aqueles por ele compilados: estão ali Jacinto e Cruz, assim como Mário António, ademais da não publicada em **Sul**, embora tivera poemas enviados por Jacinto, Alda Lara. Na leitura de Soares são estes os poetas angolanos de meados de século que se furtaram da exotificação do autóctone, mas isso não quer apontar a inexistência de uma problemática racial, senão a composição estética que não recorre ao descritivismo. É o que se lê em “Tropa Negra”, de Mário António, editado em **Sul**-25 (08/1955): “Lançaram fogo à cubata / onde nasci / e destruíram meu campo / de mandioca. // Daí a minha farda / e este barrete vermelho / e esta espingarda na mão”.

A raça aparece elipsada. Sendo aquilo que intitula o poema, não há nele imagens que a ela apontem, embora os versos sejam, a sua vez, por ela condicionados, como faz sugerir o título. Assim, é pela negritude do Eu que o campo de mandioca do infante é destruído, mas, a partir de tal situação, toma para si a farda, o barrete vermelho e a espingarda, construindo o poema a partir de um impulso volitivo que anseia a superação da opressão colonial. Ora, o redescobrir Angola que aqui se esboça é, pois, a descoberta de uma Angola politicamente independente, aquilo que encontra — pela recorrência ao vermelho — suporte no marxismo. É o que nota Soares na poética de Jacinto. Entendendo que sua literatura se constitui na fricção entre o problema local e o desejo político, percebe no poema “Descobrimento” uma tensão na qual o léxico que o intitula “deixa de ser o descobrimento de África pelos europeus, em particular portugueses, para passar a ser o de uma nova poética inserida na libertação do homem, um novo descobrimento, o do futuro” (Soares, 2015, p. 48). Há nos poetas de **Mensagem**, pois, um deslocamento do descritivismo da negritude, enquanto formulação imagética da barbárie pretérita, funcionando os versos, antes, como espaço imaginativo do porvir almejado, a superação do colonialismo português em África<sup>5</sup>.

## 1952

Não estranha, deste modo, o interesse que nutrem pela poesia de Eglê. No poema “Manhã” (Malheiros, 2018, p. 56), que intitula o compilado de 1952, esboça-se o porvir: “Em outras terras é dia pleno / De messe farta e de cantigas, / Por isso temos certeza: / Aqui também nós cantaremos”. Pode haver na gestualidade dos versos traço teleológico, no qual a superação da sociedade de classes é apresentada como garantida: tendo sido já ultrapassada em outras terras, poderiam os que aqui se encontram ter, na revolução, uma certeza que, cedo ou tarde, se concretizaria. Não interessa, aqui, o limite político da posição, já estudado (Kremer, 2026), mas a reincidência que o gesto encontra nos angolanos que publicam em **Sul**. Em sincronia à poética de Eglê, os jovens do MNIA voltam-se a uma estética que anseia a superação do capitalismo, como se lê em “Convite aos outros”, de Jacinto (**Sul**-15, 03/1952): “Nem triste nem meditabundo / cantando certezas / olho minha estrela grande / e seguro e forte caminho / pelos novos rumos simples”; ou em “Na encruzilhada”, de Cruz (**Sul**-19, 05/1953): “Para além do olhar amplo mar manso das crianças / um olhar contendo a confiança nos homens / e a certeza de vida no futuro”.

A revolução se apresenta como garantida, uma vez que já efetuada em outros lados: o Eu do verso de Jacinto caminha seguro e forte em sua direção, o de Cruz tem olhar confiante. Isso opera, por um lado, como fonte de convicção política, a necessidade de mobilização para a superação da condição histórica em que se encontram; mas, por outro, afasta os versos de um tempo-espacó concreto, pois encontra na essencialidade genérica do homem a matéria do poético: poderia a literatura trazer o homem à cons-

ciência, na medida em que se afasta da descrição histórica de sua opressão, levando-o a perceber-se, para além do condicionante da classe, enquanto espécie humana. Os poemas ecoam o postulado por Lukács (2016, p. 64) ao ler Marx e Engels, o de que o homem, pela literatura, perceberia sua universalidade genérica e, assim, tomaria consciência da mazela de sua condição como classe.

## 1991, 2005

Em 1991, Tania Macêdo publicou ensaio seminal no qual toma por objeto as relações entre a revista **Sul** e os autores africanos de expressão portuguesa. Tendo em conta a publicação dos jovens daquela margem do Atlântico no impresso de Florianópolis, realça que

**Sul**, ao abrir diálogo com as literaturas africanas em língua portuguesa, acabou também por ser, em face da situação dos países sob colonialismo, um espaço onde se guardam momentos importantes da história literária de Angola, Moçambique e Cabo Verde (...). Temos, assim, a dupla importância do diálogo iniciado pelos jovens catarinenses com escritores africanos: fazer ouvir a voz dos que o colonialismo queria silenciados e tornar audível, até hoje, esse diálogo, não deixando que as falas se perdessem. (Macêdo, 1991, p. 76)

Os autores angolanos silenciados pelo colonialismo, cujos meios gráficos eram detidos pelo controle português a impor sanções à edição — *modus operandi* de Portugal colonial, que censurara igualmente a imprensa brasileira, como discute Sérgio Buarque de Holanda (2014, p. 143) —, encontram em Florianópolis veículo para a edição de seus versos, retirando-os dos baús aos quais o colonizador os impusera e dando a ver, no Brasil, manifestações que anseiam, em chave marxista, a superação do colonialismo em África. Não só.

No mesmo ano, Raúl Antelo (1991, p. 67) lançou ensaio no qual destaca a esfera rio-platense do modernismo florianopolitano, destacando a publicação de autores da revista **Poesía Buenos Aires** (1950-1960) em **Sul**. O periódico congregava, na Argentina de meados de século, poetas interessados na recepção do surrealismo, assim como no invencionismo, o concretismo local (Antelo, 2006, p. 68). Não apenas desses autores os ilhéus se aproximaram, mas também de escritores que, com maior ou menor proximidade às estéticas marxistas, lá se encontravam, como Simões Junior, português exilado em Buenos Aires ao qual Luandino se referira. Essa proximidade ao Rio da Prata faz ver um dado importante sobre a relação entre **Sul** e **Mensagem** ao qual, em 1991, não pudera Macêdo atentar. Em 2005, Salim Miguel compilou em **Cartas d'África e alguma poesia** as correspondências aqui lidas. Se há nos jovens de **Mensagem** traço marxista, isso encontra evidência na solicitação de impressos que Jacinto faz a Salim:

De novo venho solicitar os seus amáveis préstimos. Necessito de **Trente ans du parti communiste Chinois** por Hou Kiao-Mou e de **Hot the tillers win back their land**, por Hsiao Chien (ver secção “Recebemos e agradecemos” n.º 20). Isto preferentemente em português ou castelhano. Consta-me haver em Montevidéu uma boa livraria, salvo erro, Editiones Pueblo (?), capaz de fornecer deste material. (Jacinto *apud* Miguel, 2005, p. 27)

Igualmente, Cruz (*apud* Miguel, 2005, p. 42-3) solicita livros do Rio da Prata:

Permiti-me enviar-lhe um cheque cujo valor, em Cruzeiros, deve andar à ronda de duzentos e qualquer coisa. É para o meu amigo fazer-me o favor de adquirir na Agência Farroupilha os seguintes livros, que vão por ordem do interesse que lhes tenho: **Dialéctica de la Naturaleza**, de Engels; **O marxismo e o problema nacional e colonial**, de Stálin; **El método dialectico marxista**, de Rosental (Iudin); **Dicionário Filosófico marxista**, idem, **Sobre os fundamentos do leninismo**, de Stálin; **Lenin e o Leninismo**, idem; **Sobre o problema da China**, idem; **Marxismo e liberalismo**, idem; **Lenin, Stalin e a Paz**, idem; e **Luta contra o trotskismo**, idem.

E aponta Cruz (*apud* Miguel, 2005, p. 43), ainda, aos cuidados necessários para o envio do material, sensível ao controle colonial: “Para reduzir ao mínimo as possíveis complicações, peço-lhe diligenciar para que os livros não venham como encomenda da livraria em que forem adquiridos, mas sim como encomenda particular, oferta de amigo. Se possível, deverão ser vestidos com capas de outros livros vulgares”. Em 1991, pudera Macêdo perceber a importância de **Sul** para a conservação material dos escritos africanos que, sob colonialismo, encontravam escassas vias de edição. Em 2005, com o lançamento das missivas destinadas a Salim, ganha o movimento nova camada analítica: **Sul** se coloca como via de acesso a publicações que, em África, estavam vetadas. Faz circular pelo continente o marxismo não editado em português, mas que, pelo contato com o Prata, passa por Florianópolis e chega às colônias ultramarinas.

## 6 DE JANEIRO DE 1953, AINDA

Há expressão marxista na poética de **Mensagem**, como há solicitação de impressos de tal linha por parte de seus autores. Não se trata, contudo, de qualquer material da teoria marxista, mas do mais ortodoxo. Os livros referidos por Cruz são aqueles assinados por Stálin e, pelos títulos, se opõem aos desdobramentos apresentados por Trotsky, mais afeito às vanguardas. O que se coloca como defesa estética é, pois, o realismo de Lukács, e tais leituras resultam na análise que faz Cruz da obra de Amado, marcada pela força, diz ele, de exprimir o homem universal, que se furta do meramente nacional e se coloca como paradigma reconhecível em outras terras. Este fora seu elogio a **Velhice e outros contos**, a estreia de Salim, sobre a qual

comenta: “seus personagens são gente de verdade! Conheço aqueles indivíduos que se movimentam em ‘‘Alvina’’...; e, lendo, por exemplo, ‘‘Medo’’, tive a impressão de que V. lidara com estas pessoas que vivem aqui em redor de mim” (Cruz *apud* Miguel, 2005, p. 40)<sup>6</sup>.

Não estranha que a raça não seja, portanto, a imagem central da angolanidade que se esboça nas páginas de **Mensagem**. Não se trata de anulá-la como razão da barbárie histórica, como evidencia o poema de Mário António; mas se ele se constitui a partir da elipse do racial, é porque aponta à demanda de superação da condição colonial por meio de apostila política que, formulada pela metáfora do vermelho, encontra impulso na Rússia revolucionária, o que ecoa a leitura que faz Aimé Césaire, em **Discurso sobre o colonialismo**<sup>7</sup>. Para que a Europa se salve de sua barbárie, o empreendimento colonial, seria necessário a verdadeira revolução “que, à espera da sociedade sem classes, substituirá a estreita tirania duma burguesia desumanizada pela preponderância da única classe que tem ainda missão universal, porque na sua carne sofre todos os males da História, de todos os males universais: o proletariado” (Césaire, (1978, p. 69).

O homem universal, como meio à superação da barbárie operada pelo colonialismo europeu em África, ocupa o espírito dos anos 1950 e, sendo aquilo que Cruz nota nas obras de Amado e Salim, encontra ainda suporte analítico em seu comentário sobre Guy de Maupassant. Em carta de janeiro de 1953, pontua Cruz que, embora

eu admire o gênio de Maupassant e o considere um mestre do conto, acho, porém, que os escritores de hoje devem (e podem) transpor o simples método de colher “as imagens, as atitudes e os gestos com a rapidez e precisão de um aparelho fotográfico” (...). O uso desse método (...) leva, quase sempre, a uma expressão parcelar, suspensa e estática da realidade. Podem-se criar, com ele, belos quadros e obras repletas de um poder emotivo tão grande, que nunca mais nos libertam de seu feitiço. Não nego este fato. Mas tenho para mim que a arte é mais do que um jogo, mais do que cocaína e mais do que microscópio. Sou de parecer que a arte não deve, apenas, fazer-nos ver a realidade com mais nitidez, com mais minúcias e mais cores; deve também transmitir-nos o modo como esta se transforma no seu devir ininterrupto. Mostrar-nos as relações lógicas entre o fato (ou situação), que ocupa o centro da obra, e fazer-nos entrever, ainda, a perspectiva futura do desenvolvimento desse fato (ou situação). Estou que só assim é que ela, a arte, desempenha função útil à vida, constituindo (...) instrumento valioso para o conhecimento e o domínio da nossa natureza e da natureza exterior. Só assim passa ela a ser um instrumento da libertação do homem. (Cruz *apud* Miguel, 2005, p. 40)

Há na concepção de arte de Cruz, evidente está, um *telos*: o de que, pela leitura, possa o homem encontrar sua essencialidade genérica. O postulado encontra forma, a meados de século, nas formulações de Gyorgy Lukács. Não é casual, pois, que Cruz tome Tolstói como fundamento da

análise estética: “Não há dúvida: Tolstói tem razão: só quem está penetrado do amor da Humanidade, e não do puro e simples amor da Arte, pode produzir obra artística de valor” (Cruz *apud* Miguel, 2005, p. 39). Fora Tolstói quem, ao lado de Balzac, Lukács lera como possibilidade de conscientização do proletariado por meio da literatura:

Partindo do ponto de vista da estética geral da literatura, havíamos colocado no centro a configuração do homem. Agora podemos acrescentar a título de complemento que esse modo de configuração constitui espontaneamente, a partir de sua própria lógica, um desmascaramento da inumanidade do capitalismo que se torna tanto mais enérgico quanto mais se desdobra e generaliza essa falta de humanidade no curso da crise geral do sistema. O escritor que confere forma a homens reais de modo nenhum precisa ter plena consciência — aliás, não precisa ter nenhuma consciência — de que uma configuração de homens reais em conflitos sociais reais é o início de uma rebelião contra o sistema dominante. (Lukács, 2016, p. 137)

Pela narração realista Balzac dá forma, diz Lukács, à essencialidade genérica do homem: ao pressupor a personagem em situação que lhe exige posicionar-se, pôde fazer — mesmo sem isso intencionar — com que sua constituição psíquica abandonasse a posição da própria classe, encontrando, assim, esboço da contradição humana como meio de pôr a história em movimento, apontando à superação do tempo-espacó em que essas personagens se encontram. Há um limite em tal leitura, a elaboração de uma ontologia do homem que teria essência genérica para além do lugar histórico, como critica Adorno (2003, p. 255). Todos modos, é em espírito afim que os livros solicitados por Cruz, assim como sua argumentação sobre Maupassant, se situam; é a apostila na chave da essencialidade genérica, que poderia dar ao homem consciência de sua opressão na história, a razão pelo afastamento da preponderância da raça na poética de **Mensagem**: trata-se, antes, de formulação marxista (algo ortodoxa) que busca, pela literatura, conscientizar o sujeito de sua opressão de classe e, então, levá-lo à ação política.

## 2024

Rememora-se em 2024 duas efemérides, os nascimentos de Antônio Jacinto e de Salim Miguel. A amizade nutrida na década de 1950, a sua vez, ganha destaque para além das datas. Se Walter Benjamin sugere que a força da história literária “não se trata de apresentar as obras das Letras no contexto de seu tempo, mas no tempo em que elas surgiram, e fazer uma apresentação do tempo que as reconhece” (Benjamin, 2016, p. 35), é tal intento que aqui se procura sublinhar. As relações entre **Sul** e **Mensagem**, nos idos anos 1950, dão acesso àquele espírito, mas, além disso, possibilitam que algo do presente seja vislumbrado. Retornando à história dos fluxos editoriais entre Brasil e Angola em seu anseio de um porvir que pudesse livrá-los da barbárie colonial, a aproximação entre as revistas aqui trabalhadas aponta ao desejo de um futuro que corre o risco de não se realizar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. Reconciliación extorcionada. In: ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura**. Tradução: Alfredo Muñoz. Madri: Akal, 2003, p. 242-269.
- ANTELO, Raúl. A modernidade Sul. In: SOARES, Iaponan (org.). **Salim Miguel, literatura e coerência**. Florianópolis: Lunardelli, 1991, p. 65-71.
- ANTELO, Raúl. Visão e pensamento. Poesia da voz. In: \_\_\_\_\_. **Crítica e ficção, ainda**. Florianópolis: Pallotti, 2006, p. 9-87.
- BENJAMIN, Walter. **História da literatura e ciência da literatura**. Tradução: Helano Ribeiro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.
- BERGAMO, Edvaldo. **Ficção e convicção**: Jorge Amado e o neo-realismo literário português. São Paulo: UNESP, 2008.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Noémia de Sousa. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.
- CORREA, Sílvio. Conexão Sul: o contributo africano para o modernismo sul-brasileiro. In: \_\_\_\_\_. **Nossa África**. São Leopoldo: Oikos, 2016, p. 15-30.
- DEBASTIANI, Gustavo. “**Meu caro Salim**”: a mediação cultural de Salim Miguel no contato com intelectuais de língua portuguesa na África (década de 1950). 96 f. TCC (Graduação em História) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2024.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letra, 2014.
- KREMER, Natan Schmitz. **Constelação sul – achegas**. Tese (Doutorado em Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2026. [PRELO]
- KREMER, Natan Schmitz. **Deslocamentos do feminino em Salim Miguel**. 154 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.
- LUKÁCS, György. **Marx e Engels como historiadores da literatura**. Tradução: Nélia Schneider. São Paulo: Boitempo, 2016.
- MACÊDO, Tania. Revista **Sul** (uma ponte com a África). In: SOARES, Iaponan (org.). **Salim Miguel, literatura e coerência**. Florianópolis: Lunardelli, 1991, p. 73-77.
- MACÊDO, Tania. **Luanda, cidade e literatura**. São Paulo, Luanda: UNESP, Nzila, 2008.
- MALHEIROS, Eglê. **Manhã e outros poemas**. Brasília: Edição da autora, 2018.

MIGUEL, Salim. Raízes de um intercâmbio. In: PADILHA, Laura Cavalcante. **Anais do 1º Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa**. Niterói: Imprensa Universitária da UFF, 1995, p. 53-61.

MIGUEL, Salim. **Cartas d'África e alguma poesia**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

MIGUEL, Salim; MALHEIROS, Eglê. **Memória de editor**. Florianópolis: IOESC, 2002.

RAMOS, Karina. A angolanidade literária nas páginas da revista **Mensagem** (1951-1952). **Transversos**, v. 10, agosto de 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/transversos.2017.29973>. Acesso em 22 de set. 2024.

**REVISTA SUL**. Revista do Círculo de Arte Moderna de Florianópolis. 30 números. Janeiro de 1948 a dezembro de 1957. Disponível em: <https://www.portalcatarina.ufsc.br/documentos/?id=160778>. Acesso em 22 de set. 2024.

SOARES, Francisco. Para uma observação estética da poesia de A. Jacinto. In: TAVARES, Ana Paula (org.). **António Jacinto e sua época**. A modernidade nas literaturas africanas em língua portuguesa. Lisboa: CLEPUL, 2015, p. 43-55.

SOARES, Francisco. **Antologia lírica angolana**. Campinas: UNICAMP, 2019.

SOUZA, Maria Teresa. António Jacinto do Amaral Martins, número de matrícula 33, Campo de Trabalho de Chão Bom. In: TAVARES, Ana Paula (org.). **António Jacinto e sua época**. A modernidade nas literaturas africanas em língua portuguesa. Lisboa: CLEPUL, 2015, p. 193-221.

SOUZA, Noémia de. **Sangue negro**. São Paulo: Kapulana, 2016.

VIEIRA, Luandino. Pela voz de Luandino – entrevista a Rita Chaves e Jacqueline Kaczorowski. **Scripta**, v. 19, n. 37, p. 179-202, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2015v19n37p179>. Acesso em 22 de set. 2024.

*Recebido para avaliação em 16/10/2024.*

*Aprovado para publicação em 29/11/2024.*

## NOTAS

1 Doutorando no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista da Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina (FUMDES/UNIEDU).

2 Para uma reconstituição da aproximação dos jovens de Sul, via Rebelo, aos autores africanos, mas também aos rio-platenses e portugueses, ver Kremer (2026), principalmente o capítulo “Arquivo”.

3 Também a poeta moçambicana Noémia de Sousa publicava nas páginas de Mensagem e de Sul. Em Florianópolis, deu a ver os poemas “Cais” (Sul-18, 12/1952), “Dia a dia” (Sul-20, 08/1953) e “Porquê” (Sul-25, 08/1955).

4 Publicou os poemas “Setembro” (Sul-24, 05/1955), “Cantiga” (Sul-25, 08/1955) e “Conselho” (Sul-26, 02/1956).

5 A raça é constante na poética de Noémia de Sousa. Se Tania Macêdo (2008, p. 111) aponta que seus poemas editados em Mensagem foram “Sangre Negro” e “Negra”, caberia se questionar o que há de racialidade neles. Lê-se no primeiro: “Mãe, minha Mãe África / das canções escravas ao luar, / não posso, não posso repudiar / o sangue negro, o sangue bárbaro que me legaste... / Porque em mim, em minha alma, em meus nervos / ele é mais forte que tudo, / eu vivo, eu sofro, eu rio através dele, Mãe!” (Sousa, 2016, p. 130). Nos autores angolanos, contudo, não se nota poética descritiva da negritude como a adotada pela moçambicana, não sendo incorretas, então, as leituras de Ramos (2017, p. 284) e Soares (2015, p. 48). Nossa análise da presença de Sousa em Sul pode ser consultada em Kremer (2026), sobretudo no capítulo “Teleologia e seu contrário”.

6 Sua leitura parece equivocada. Como discutido (Kremer, 2022), há nos procedimentos de *Velhice e outros contos* tracejo que se aproxima dos surrealistas, dos quais igualmente Trotsky era próximo (ele escreve, com Breton, um manifesto sobre a arte independente, no exílio mexicano); *Velhice* se distancia do realismo e, nisso, reside a adoração dos autores angolanos pela poesia de Malheiros, autora que, à diferença de Salim, filiara-se ao PCB.

7 Embora comumente se esqueça, a primeira tradução do texto de Césaire ao português, de 1978, é assinada por Noémia de Sousa, tendo sido prefaciada por Mário Pinto de Andrade, outro poeta de Mensagem. Todos modos, a concepção poética de Sousa e de Césaire é bastante divergente, o segundo encontrando no surrealismo a matéria do literário, como discutido (Kremer, 2026).